

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Guarani

Data: 28/09/92 Pg.: 6

Guaranis inauguram centro de cultura a 50 km de São Paulo

JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO — O cacique e pajé Guyrá Pepó, 52 anos, abriu um largo sorriso de satisfação e orgulho, na tarde do último sábado, quando a meninada da aldeia transformou numa algazarra incontida a singela festa de inauguração do Centro de Cultura Indígena Guarani Ambá Arandu, no distrito de Parelheiros. Ali, a 50 quilômetros do Centro da capital, vive sua comunidade — 48 famílias, com 240 índios, metade deles crianças.

Pioneiro na alfabetização bilíngüe no Morro da Saudade, um enclave de 26 hectares de terras arenosas e águas poluídas, Guyrá Pepó não precisará mais reunir seus alunos na Casa dos Rituais, uma choupana de sapé que vinha servindo, ao mesmo tempo, de local de culto religioso e escola. “De agora em diante, as aulas serão dadas nesse pavilhão construído pela prefeitura de São Paulo”, anuncia o coordenador do projeto cultural, o guarani Karai Mirim, que é também professor de História do Brasil num colégio estadual.

Enquanto os adultos do conselho da aldeia falavam de seus planos aos convidados brancos, em meio à euforia do *tembi'u* — um coquetel à base de sopas, bolinhos e licores de frutas —, a criançada repetia uma canção indígena para comemorar a chegada da primavera, tempo de plantar milho, feijão e mandioca, como explica Karai Mirim, traduzindo os versos de cada estrofe. O rapaz que rege o coro, pulando e cantando como um bai-

larino, é Paulo Verá, um índio vindo de Ubatuba.

“Vou aprender a escrever guarani, que só sei falar, para dar aula aqui”, anuncia Paulo Verá. Aos 18 anos, ele tem o curso colegial, mas se expressa em português com certa dificuldade. Não é para menos, pois ali no Morro da Saudade, como em outras aldeias, os índios sempre se entendem em sua língua. Principalmente as mulheres e as crianças, que não vão além dos monossílabos essenciais, quando algum forasteiro se dirige a elas. Apesar de tão pobre e limitado, o território em que essa comunidade vive, às margens da represa Billings, luta heroicamente pela auto-suficiência. Na falta de outros alimentos, come-se banana da manhã à noite.

Defesa da cultura — É verdade que a mata é escassa e a caça já não existe, mas nem por isso os índios se dobram à influência da vizinhança branca. “A gente manda buscar madeira e barro em Mato Grosso para confeccionar as peças de artesanato que sustentam o grupo”, informa Kaká Verá, um caiapó que se incorporou aos guaranis da região metropolitana de São Paulo depois que sua nação, um grupo de 40 famílias, foi expulsa de suas terras, no Norte de Minas.

Kaká e parentes de outras nações que, como Karai Mirim, conseguiram estudar estão trabalhando juntos no Centro de Cultura Ambá Arandu. Nem todos, porém, são índios de verdade. “Esse, por exemplo, é o nosso *Dança com Lobos*”, brinca o caiapó, apresentando Je-

cupé, o Kevin Costner da aldeia guarani. Jecupé, de 26 anos, chegou menino ao Morro da Saudade, onde foi criado pelo cacique. “É claro que conheço bem a minha história, mas não quero falar sobre ela agora”, desculpa-se, em respeito ao pai de verdade, que ele convidou para a festa.

Ao lado do pavilhão destinado à escola, os índios estão assentando as últimas telhas de uma construção ainda maior — um prédio de alvenaria, mas de arquitetura guarani, financiado por uma fundação alemã. Será ali a verdadeira sede do Ambá Arandu, com biblioteca, sala de exposição, ambulatórios e, o mais importante, um grande espaço livre para reuniões e rituais.

“Estamos precisando de bastante dinheiro para o acabamento, mas não podemos pedir mais nada aos alemães, porque dissemos a eles que os US\$ 32 mil do orçamento original bastariam para a obra”, justifica Karai Mirim, ao explicar o atraso da construção. Em seu discurso pela festa de inauguração da escola, o guarani queixou-se da incompreensão dos brancos e até de outros índios. “Andaram espalhando que os recursos empregados aqui seriam, na verdade, para comprar alimentos”, disse Karai, falando em nome do conselho da aldeia. “Podem falar o que quiserem, mas os guaranis vão resistir até o fim, mesmo que exterminem todos os outros parentes”, promete o coordenador do projeto. Essa resistência, que começa pela preservação da língua, vai se estender à defesa de toda a cultura indígena.